

Agamben, Giorgio; Melville, Herman. *Bartleby, ou da contingência* – seguido de *Bartleby, o escrevente*. Tradução de: Vinícius Honesko e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, 112 p.

Eclair Antonio Almeida Filho  
Universidade de Brasília

Interessa-nos nesta resenha de tradução investigar se a tradução de *Bartleby, o escrevente*<sup>1</sup>, de Herman Melville, que acompanha o ensaio *Bartleby, ou da contingência*, de Giorgio Agamben, aproxima-se ou afasta-se das partes citadas por Agamben em sua exegese do conto melvilleano. Assim, procuraremos discutir se o leitor estaria diante de um livro composto por dois textos que se comunicam de algum modo, ou então se estaria diante de duas obras distintas, o que nos exigirá outrossim uma análise de paratextos presentes no volume como capa, orelhas, quarta capa, ficha catalográfica etc.

De início, na capa (v. anexo) percebemos que há um destaque maior no tamanho das fontes em relação ao nome de Giorgio Agamben e ao de seu ensaio, em detrimento ao de Melville e seu conto. Nesse sentido parece-nos que *Bartleby*<sup>2</sup> viria apenas como um texto aces-

---

<sup>1</sup> Para tornar claras as referências vamos citar autonomamente o ensaio em italiano de Agamben como (AGAMBEN, 1993), sua tradução brasileira como (AGAMBEN, 2015) e o conto de Melville em tradução como (MELVILLE, 2015) e no original como (MELVILLE, 1856).

<sup>2</sup> A saber: MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1982. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*



sório, de menor importância ou marginal. Observe-se também que não há na capa referência ao fato de que o volume contará com dois tradutores, a saber: Vinícius Honesko para o ensaio de Agamben, e Tomaz Tadeu para o conto de Melville.

Em relação às duas orelhas (v. anexo), a primeira traz um comentário de Cláudio Oliveira acerca de *Bartleby, ou da contingência*, ao passo que a segunda apresenta ao leitor duas breves notas bio-bibliográficas de Agamben como o ‘autor’, e de Vinícius Honesko como o ‘tradutor’. Em suma, as orelhas ocultam, propositalmente ou não, a presença de Tomaz Tadeu como tradutor ativo do livro que o leitor tem em mãos. No entanto, ao consultarmos a ficha catalográfica e a folha de rosto, enfim nos deparamos com o nome de Tomaz Tadeu.

---

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escriturário*. Tradução de Luís de Lima. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escrivão*. Tradução de Irene Ruth Hirsch. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escriturário*. Tradução de Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2008. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escrevente*. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Grua, 2014. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escrivão*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Prefácio de Jorge Luis Borges. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escrevente – Uma História de Wall Street*. Tradução de Tomaz Tadeu. IN: AGAMBEN, Giorgio; MELVILLE, Herman. *Bartleby, ou da contingência* – seguido de *Bartleby, o escrevente*. Tradução de: Vinícius Honesko e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2015. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

Observemos que a edição que a editora José Olympio lançou em 2007 traz o mesmo texto daquela publicada pela Record em 1982, em tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, com o prefácio de Jorge Luis Borges.

Logo depois da primeira tradução, no caso de um texto em Latim, feita por Agamben e traduzida indiretamente por Honesko, já uma nota de tradutor (neste caso, de Vinícius Honesko) muito esclarecedora exatamente sobre o uso próprio que Agamben faz em relação às traduções de que lança mão:

Uma das estratégias argumentativas de Agamben, como é notório, encontra-se nas traduções (ou correções de traduções) que faz tanto dos clássicos gregos como dos latinos. Para manter, portanto, esse seu modo de pensar, optamos por traduzir diretamente os trechos que ele cita (em sua tradução ou com correções), sem recorrer às traduções correntes disponíveis em português. (AGAMBEN, 2015, p. 12-13).

Ou seja, o tradutor confere às traduções usadas por Agamben *status* de ‘original’, de modelo de que não se deve desviar durante o processo tradutório, pois o que importa é manter a voz agambeniana na tradução. Reforça essa verve tradutória de Agamben não só de grego e latino, mas também de inglês o fato de que a edição em italiano não traz nenhuma indicação dos tradutores dos trechos citados. Aliás, tal edição não é seguida de uma tradução italiana de *Bartleby*. Note-se, no entanto, que apenas as traduções do ensaio de Agamben se fazem acompanhar editorialmente do conto de Melville.

Tal procedimento do tradutor (Honesko) aproxima-se bastante do que Maurice Blanchot chama de ‘sombra’, em que no confronto de duas línguas (no caso do ensaio de Agamben, cinco: italiano, grego, latim, inglês e português) o tradutor escavaria a “superfície da linguagem, introduzindo nela toda sorte de diferenças de nível e deslocando assaz nitidamente as línguas para torná-las todas estrangeira”

<sup>3</sup> (BLANCHOT, 1949, p. 186). Assim ocorreria um recuo do texto, uma metamorfose “pela qual sentimos através de nossa língua habitual se abrirem interstícios e vazios donde nos é permitido vigiar a aproximação extremamente misteriosa de uma outra língua, de nós totalmente desconhecida”<sup>4</sup> (BLANCHOT, 1949, p. 186).

Para não sobrecarregarmos o desenvolvimento de nossa resenha com comparações de citações, remeteremos o leitor ao anexo em que ele encontrará os oitos trechos citados por Agamben em italiano acompanhados de suas traduções por Honesko e Tadeu, bem como de seu original em inglês. É curioso notar que há uma coincidência entre as traduções logo e somente na primeira citação feita por Agamben:

“Fa’ un salto all’ufficio postale, non vuoi?” (AGAMBEN, 1993, p. 26)

Não quer dar um pulo até os Correios? (AGAMBEN, 2015, p. 56)

Não quer dar um pulo até os Correios?

[...]

Você não quer? (MELVILLE, 2015, p. 74)

---

<sup>3</sup> la surface du langage, y introduisant toutes sortes de différences de niveau et dépayasant assez nettement les langues pour les rendre toutes étrangères. (Tradução nossa)

<sup>4</sup> pour que s’opère le recul du texte, le léger décalage qui indique que ce que nous lisons n’est pas exactement ce que nous devrions lire, et aussi cette métamorphose par laquelle nous sentons à travers notre langue habituelle s’ouvrir des interstices et des vides d’où il nous est loisible de surveiller l’approche extrêmement mystérieuse d’une autre langue, de nous tout à fait inconnue. (Tradução nossa)

“Bartleby,” said I, “Ginger Nut is away; just step round to the Post Office, won’t you? (it was but a three minute walk,) and see if there is any thing for me.” (MELVILLE, 1856, p. 58)

A nosso ver dá-se aqui pura e simplesmente uma semelhança fortuita, uma vez que a locução verbal inglesa ‘step around’ abre-se para significados como ‘dar um pulo’, ‘passar rapidamente’, ‘dar uma esticada’, ‘dar uma passada’.

Se tal fato a princípio indicaria que a tradução em apêndice corresponderia àquela apresentada ao longo do ensaio de Agamben, no entanto, em todas as outras sete citações a tradução de Honesko e a de Tadeu cindem uma com a outra, tomando rumos distintos (e possíveis pelo traduzir). A esse respeito, se temos, por exemplo, sequencialmente em Honesko ‘fofoca’, ‘boato’, ‘demitido’, ‘disposição’, ‘lívido desespero’, ‘mensageiros de vida’, ‘cartas que se apressam rumo à morte’, ‘um novo mandato’, ‘no coração das pirâmides eternas’, lemos em Tadeu ‘rumor’, ‘subitamente demitido’, ‘propenso a uma pálida desesperança’, ‘enviadas em missões de vida’, ‘cartas que correm rumo à morte’, ‘um novo mandamento’, ‘no recôndito das pirâmides eternas’. De todo modo paira sobre esses exemplos a sombra do texto melvilleano que, silente, vai apontando desvios, atalhos, aproximações.

Depreende-se, pois, que a edição de *Bartleby, ou da contingência* seguido de *Bartleby, o escrevente: Uma história de Wall Street*, dá ao mesmo tempo ao leitor uma tradução indireta de *Bartleby*, a de Honesko, que conforme Álvaro Faleiros (2009) é aquela feita a partir de uma tradução do original, sendo assim uma tradução em segundo grau, neste caso guiada pela exegese e tradução de Agamben; e uma tradução direta do original, a de Tadeu, que possibilita uma leitura outra, que se desprende da de Agamben. A nosso ver, então, esta não coincidência – um não-espelhamento – entre as traduções mostra-se de profícua importância para o estudo de Bar-

tleby uma vez que não se prende a uma só visão tradutória. Ademais, permite que o leitor lance luz de uma à outra versão, criando, destarte, novos caminhos pelo exercício da tradução.

*Bartleby* entra assim pela re-tradução num movimento de redobra. Tal como o homônimo escrevente do conto melvilleano, a tradução esquiva-se, preferindo não [copiar e copiar-se].

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby o della contingenza*. IN: AGAMBEN, Giorgio & DELEUZE, Gilles. *Bartleby o della formula*. Quodlibet: Macerata, 1993. p. 41-80.

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, ou da contingência*. Tradução de Vinícius Honesko. IN: AGAMBEN, Giorgio; MELVILLE, Herman. *Bartleby, ou da contingência* – seguido de *Bartleby, o escrevente*. Tradução de: Vinícius Honesko e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2015, p. 9-53. Tradução de: *Bartleby o della contingenza*.

BLANCHOT, Maurice. *La part du feu*. Paris: Gallimard, 1949.

FALEIROS, Álvaro. Da crítica da retradução poética. *Itinerários*, Araraquara, n. 28, p.145-158, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2146/1764>. Acesso: jan. 2016.

MELVILLE, Herman. *Bartleby the scrivener: A Story of Wall Street*. IN: MELVILLE, Herman. *The Piazza Tales*. New York: Dix & Edwards, 1856. p. 31-108.

\_\_\_\_\_. *Bartleby, o escrevente – Uma História de Wall Street*. Tradução de Tomaz Tadeu. IN: AGAMBEN, Giorgio; MELVILLE, Herman. *Bartleby, ou da*

*contingência* – seguido de *Bartleby, o escrevente*. Tradução de: Vinícius Honesko e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2015. Tradução de: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*

Recebido em: 15/02/2016

Aceito em: 22/04/2016

Publicado em setembro de 2016

## ANEXOS

## TRECHOS CITADOS POR AGAMBEN POR ORDEM DE APARIÇÃO

1)

AGAMBEN, 1993, p. 26	AGAMBEN, 2015, p. 56	MELVILLE, 2015, p. 74	MELVILLE, 1856, p. 58
“Fa’ un salto all’ufficio postale, non vuoi?”	Não quer dar um pulo até os Correios?	Não quer dar um pulo até os Correios? [...] Você não quer?	“Bartleby,” said I, “Ginger Nut is away; just step round to the Post Office, won’t you? (it was but a three minute walk,) and see if there is any thing for me

2)

AGAMBEN, 1993, p. 76	AGAMBEN, 2015, p. 49	MELVILLE, 2015, p. 105	MELVILLE, 1856, p. 107
“pettegolezzo”	‘Fofoca’	‘Boato’	Yet here I hardly know whether I should divulge one little item of <u>rumor</u> , which came to my ear a few months after the scrivener’s decease.

3)

AGAMBEN, 1993, p. 76	AGAMBEN, 2015, p. 49	MELVILLE, 2015, p. 105	MELVILLE, 1856, p. 107
Questo <i>rumor</i> è che Bartleby “era stato un impiegato in subordine nell’ufficio delle Lettere morte di Washington, dal quale era stato dimesso in conseguenza di un cambiamento nell’amministrazione”.	Este <i>rumor</i> é o de que Bartleby “fora funcionário subalterno no Departamento das Cartas Mortas de Washington, do qual fora demitido em virtude de uma mudança na administração”.	Ei-lo: que Bartleby fora funcionário subalterno no Departamento das Cartas Mortas, em Washington, do qual fora subitamente demitido em virtude de uma mudança na administração.	The report was this: that Bartleby had been a subordinate clerk in the Dead Letter Office at Washington, from which he had been suddenly removed by a change in the administration.

4)

AGAMBEN, 1993, p. 76	AGAMBEN, 2015, p. 49	MELVILLE, 2015, p. 105	MELVILLE, 1856, p. 107
Egli insinua, infatti, che l’aver lavorato in quell’ufficio abbia spinto all’estremo l’innata disposizione dello scrivano alla “livida disperazione”. “livida disperazione”.	Ele insinua, com efeito, que o fato de ter trabalhado em tal escritório tenha levado ao extremo a inata disposição do escrevente a um “lívido desespero”.	Imagine um homem, por natureza e má sorte, propenso a uma pálida desesperança [...]	Conceive a man by nature and misfortune prone to a pallid hopelessness,

5)

AGAMBEN, 1993, p. 77	AGAMBEN, 2015, p. 49-50	MELVILLE, 2015, p. 105	MELVILLE, 1856, p. 107
<p>“A volte dalla carta piegata” egli dice “il pallido impiegato estraе un anello – il dito per il quale era inteso si sta, forse, decomponendo nella tomba; una banconota spedita in velocissima carità – colui al quale avrebbe potuto dare sollievo, né mangia né ha più fame; perdono per coloro che morirono disperando; speranza per coloro che morirono senza conforto; buone notizie per coloro che perirono soffocati da sventure senza soccorso. Messaggeri di vita, queste lettere si affrettano verso la morte”. Non si potrebbe suggerire in modo più chiaro che le lettere mai recapitate sono la cifra di eventi gioiosi che avrebbero potuto essere, ma non si sono realizzati. Ciò che si è realizzato è, invece, la possibilità contraria.</p>	<p>“Às vezes, do papel dobrado”, ele diz, “o pálido funcionário extrai um anel - o dedo ao qual estava destinado está, talvez, decompondo-se no túmulo; ou uma cédula enviada num súbito ataque de caridade – aquele a quem poderia ter dado alívio já não come nem sente mais fome; perdão para os que morreram em desespero; esperança para os que morreram sem conforto; boas novas para os que pereceram sufocados por infortúnios sem socorro. Mensageiros de vida, essas cartas se apressam rumo à morte”. Não se poderia sugerir de modo mais claro que as cartas jamais entregues são a cifra de eventos alegres que poderiam ter sido, mas não se realizaram. O que se realizou é, ao invés, a possibilidade contrária.</p>	<p>“Às vezes, do papel dobrado o pálido funcionário retira um anel – o dedo ao qual se destinava apodrece, talvez, no túmulo; ou uma cédula enviada num súbito ataque de caridade – aquele a quem aliviaria já não come nem sente mais fome; perdão para os que morreram em desespero; esperança para os que morreram sem ela; boas novas para os que pereceram sufocados por calamidades implacáveis. Enviadas em missões de vida, essas cartas correm rumo à morte”.</p>	<p>Sometimes from out the folded paper the pale clerk takes a ring: — the finger it was meant for, perhaps, moulders in the grave; a bank-note sent in swiftest charity: — he whom it would relieve, nor eats nor hungers any more; pardon for those who died despairing; hope for those who died unhoping; good tidings for those who died stifled by unrelieved calamities. On errands of life, these letters speed to death.</p>

<p>La lettera, l'atto di scrittura, segna, sulla tavoletta dello scriba celeste, il passaggio dalla potenza all'atto, il verificarsi di un contingente. Ma, proprio per questo, ogni lettera segna anche il non verificarsi di qualcosa, è sempre anche, in questo senso, "lettera morta". È questa l'intollerabile verità che Bartleby ha appreso nell'ufficio di Washington, questo il significato della formula singolare: "messaggeri di vita, queste lettere si affrettano verso la morte" (<i>On errands of life, those letters speed to death</i>).</p>	<p>A carta, o ato de escritura, assinala, na tabuleta do escriba celeste, a passagem da potência ao ato, o verificar-se de um contingente. Mas, precisamente por isso, cada carta assinala também o não verificar-se de algo, é sempre também, nesse sentido, "carta morta". É esta a intolerável verdade que Bartleby aprendeu no escritório em Washington, este o significado da fórmula singular: "Mensageiros de vida, essa cartas se apressam rumo à morte" (<i>On errands of life, those letters speed to death</i>).</p>		
--	---	--	--

6)

AGAMBEN, 1993, p. 78	AGAMBEN, 2015, p. 51	MELVILLE, 2015, p. 91	MELVILLE, 1856, p. 85
Come in Josef K., anche in Bartleby i critici hanno visto una figura di Cristo (Deleuze dice: "un nuovo Cristo"), che viene ad abolire la vecchia Legge e a inaugurare un nuovo mandato	Como em Josef K., também em Bartleby os críticos viram uma figura de Cristo (Deleuze diz: "um novo Cristo"), que vem abolir a velha Lei e inaugurar um novo mandato (ironicamente,	"Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros".	"A new commandment give I unto you, that ye love one another"

(ironicamente, è l'avvocato stesso a ricordarlo: “A new commandment give I unto you, that ye love one another”).	é o próprio advogado quem nos lembra: “A new commandment give I unto you, that ye love one another”). [Tradução em nota: Um novo mandato vos dou: que vos ameis uns aos outros.]		
--	---	--	--

7)

AGAMBEN, 1993, p. 79	AGAMBEN, 2015, p. 53	MELVILLE, 2015, p. 104	MELVILLE, 1856, p. 105
nel “cuore delle piramidi eterne” del Palazzo dei Destini,	“no coração das pirâmides eternas” do Palácio dos Destinos.	“no recôndito das pirâmides eternas”.	The heart of the eternal pyramids,

8)

AGAMBEN, 1993, p. 80	AGAMBEN, 2015, p. 53	MELVILLE, 2015, p. 101-102	MELVILLE, 1856, p. 101-102
Per questo il cortile murato “non è poi un luogo così triste”. C’è il cielo e c’è l’erba. E la creatura sa perfettamente “dove si trova”.	Por isso o pátio murado “não é assim um lugar tão triste”. Há o céu e a grama. E a criatura sabe perfeitamente “onde se encontra”.	E, veja, não é um lugar tão triste quanto se poderia pensar. Olhe, lá está o céu e aqui, a grama. “Sei onde estou”, respondeu, porém mais não disse e, assim, deixei-o a sós.	And see, it is not so sad a place as one might think. Look, there is the sky, and here is the grass.” “I know where I am,” he replied, but would say nothing more, and so I left him.